



## **Narrativas rurais e sensibilidades: Jeca Tatu e seu poder imagético na memória imigrantes cearenses(1940)**

**LIA MONNIELLI FEITOSA COSTA<sup>1</sup>**

Este presente trabalho pretende analisar alguns entrelaçamentos de discurso entre a composição imagética do “Jeca Tatu”, personagem de Monteiro Lobato, criado em 1914, e o discurso de imigrantes cearenses que vieram ao Piauí na década de 40. As experiências migratórias dos sujeitos pontilham trajetórias em perspectiva neste estudo. Elas também são reveladoras de peculiaridades que pretendemos desdobrar aqui, tais como a escolha de determinado lugar, quais condições foram encontradas ( físicas, econômicas, redes de solidariedade montadas) e o que mudou em relação à vivência em municípios cearenses. Pretendemos também relacionar com os discursos presentes em Relatórios Governamentais que corroboram para a existência do sujeito “jeca”.

A partir da década de 40 as famílias aqui estudadas saíram de seus municípios de origem em busca de melhores condições de vida em terras piauienses possuem características em comum, os pais vivam de roça e os filhos por sua vez também trabalharam de roça durante boa parte de suas vidas. Acrescentemos outro fator; os municípios cearenses correspondiam a municípios limítrofes ao Piauí. Damião Feitosa da Silva (84) saiu do município de Nova Russa<sup>2</sup>, aos 11 anos, “perambulando de lá para cá tocando nossas 60 cabeças de ovelha e bode. , de pés”. Damião não recorda quantos dias levou para chegar até a localidade, mas sabemos uma viagem a pé de Nova Russa até a localidade Matões , no município de Miguel Alves, durava, em média 5 dias, . A família de Damião não conseguiu desfazer da pequena criação de gado caprino antes de partir, talvez por seu número considerável, que não foi dividido entre parentes, posto que toda a parentela deslocou-se em busca de melhores condições de sobrevivência. E também era precisos ter bons mantimentos para enfrentar os 311 km que viram pela frente; da criação restaram apenas 51 cabeças. A temporalidade da narrativa oral de Paulo Furtado de Melo (76) também se inicia com a vinda de seus pais, por

---

<sup>1</sup> Especialista em História, Cultura e Sociedade pela UESPI e Mestranda em História Social pela Universidade Federal do Ceará-UFC e bolsista FUNCAP.

<sup>2</sup> Localizado na microrregião Sertão de Crateús, emancipada desde 1901. FONTE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). .

volta de 1932. A família paterna veio de Sobral, e a materna de Tianguá. A experiência sofrida dessa trajetória a pé foi contada a Paulo, e ele rememora: “Ela contou a história que veio de a pés, de lá do Tianguá pra cá, e ele também conta que veio do Sobral pra cá foi de a pés também.”(PAULO,2017). Cristina Frota(72) também veio aos 8 anos em 1954,do interior de Sobral., junto com seus 8 irmãos, não saberia os destinos que a reservaria nessas novas terras. Francisco Manoel de Assis( 76) veio aos 14 anos com o pai e os irmãos de São Benedito, já motorizados “ E aí o papai botou tudo dentro de um caminhão e nós papoquemos de lá pra cá” (MANOEL, 2017)

A narrativa de Isídio Pereira Farias (76) é bastante pontual falando sobre a sua trajetória,; falando sobre as condições e os caminhos percorridos rumo a terras piauienses, imaginamos uma linha e migração que passa por todos esses lugares:

*É , duas famílias...meu pai, e um irmão de minha mãe., meus dois irmãos e um cunhado...s duas famílias, de la pra ca....nos chegemos aqui, ...em José de Freitas, passamos 4 dias aqui em José de Freitas, passemos um dia ou foi dois, ai nos viemos aqui pra Teresina, em 1949...nós chegamos aqui em Teresina no dia 16 de dez de 49, ...ai passamos 1 ano e 11 meses...ai voltamos pro interior...*

Em suas memórias ele segue uma agenda própria, evidenciando que a relação dialógica entre historiador oral e entrevistado é fundamental para que tipo de narrativa se deseja conseguir. Estamos lidando com vidas de trabalhadores que não apenas foram esquecidas pela história, mas que eles também aceitam o anonimato e a exclusão. Não se denominam como “sujeitos importantes” dignos de serem perguntados sobre seu cotidiano. Parte disso deriva dos próprios temas que consagramos como gêneros temáticos a respeito dos campesinatos; as lutas; os conflitos no campo; o trabalho escravo na modernidade, dentre outros, em detrimento do cotidiano de trabalhadores de roça que se processa como uma função contínua. (PORTELLI 2001:18) evidencia que atentar para estes outros temas, como este— costumes de lavradores pobres quando trabalhavam de roça— leva à aproximação de outros gêneros, identificando suas peculiaridades e ajudando a superar preconceitos.

É também Isídio que nos dá uma pista importante acerca do tempo de travessia. Aquelas famílias que não conseguem desfazer-se da criação levam-na consigo, deixando a caravana de migrantes em uma marcha lenta, necessária, frente aos perigos que estão á espreita nos caminhos. A solução era “vir por dentro do mato, porque era o caminho mais fácil, pela

estrada os carro atropelava as criação”, de modo que a viagem durou cerca de 11 dias. A travessia no entanto não era de todo solitária; Isídio conta sobre o apoio com que contavam em alguma fazenda ou casa que deixavam eles “se arranjam”, retomarem as forças e voltarem à marcha; Damião recobra que seu pai viajava com mais duas famílias, daí o rebanho significativo de 60 cabeças de criação ter se reduzido a 51 cabeças, visto que “uma criação agente matava só durava três dias” (DAMIÃO,2017).

Tianguá e São Bendito já fazem fronteira com o Piauí, ao passo que Isídio , Damião, a pequena Cristina passaram por uma longa trajetória partindo de Ipu Nova Russa e Sobral, até chegar nos seus pontos de fixação. Entre os motivos de saída e os locais onde esses narradores se reacomodaram? A região fronteira abrange o encontro dos biomas caatinga, ocupando toda a faixa dos municípios estudados, com o Cerrado piauiense<sup>3</sup>. Há o predomínio do clima-semiárido, chuvas irregulares e mal distribuídas.

Nas cidades como Miguel Alves e União há o predomínio da chamada zona de transição,e cocais ocupam o sopé dos morros a perder de vistas. , bem como presença de muitas vegetações arbóreas de pequeno e médio porte. AZIS NACIB AB’SÁBER (1999) ressalta que muitas observações pontuais e desconexas a respeito do Nordeste Seco, pintada como a “terra das chapadas, dotada de solos pobres e extensivamente gretados, habitada por agrupamentos humanos improdutivos “e populações “permanentemente maltratadas pelas forças de uma natureza perversa.”<sup>4</sup> Os cocais para o sertanejo pobre é a esperança em futuros rendimentos. A extração do coco babaçu é um meio de vida de muitas mulheres no Nordeste, E Cristina (2017) lembra que o vislumbre dos cocais compensava a longa travessia, cheia de agruras.

*Por causa da precisão, vinha embora tocando jumento e comendo coisa velha no caminho. Comendo jatobá, chegava nos pezão de jatobá derrubava e enchia os bolsos, e botava nos braços e roía, porque vinha precisado de fome. Tocando jumento. E era muitos dias de viagem, ai na hora que chegava no interior criava outras asas viu? Porque olha o coco logo.*

<sup>3</sup> FONTE: IBGE, Mapa de Biomas e Vegetação , 2004. Disponível em :

<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/21052004biomashtml.shtm>

<sup>4</sup> Em “Dossiê Nordeste Seco” Ab’Saber tenta refutar essas falácias construídas a respeito do Nordeste, embasando-se em observações acuradas, sobre o predomínio de solos gretados apenas em algumas regiões, a respeito da vegetação e do clima, e principalmente, a relação entre a distribuição das terras férteis e a distribuição populacional.

“Criar asas” sintetiza bem o desejo de todos esses lavradores pobres. Um lugar onde eles produzissem para seu consumo da maneira que pudessem, um lugar para criar os filhos. Em pesquisa realizada pela fundação Cepro na década de 1990 com imigrantes, dos motivos apontados como motivos de expulsão, sobressai-se o motivo Relativo à família, (47,8%), seguido de Trabalho e Renda (18,1%) e Educação (16,9%). Podemos interpretar em relação aos nossos narradores, que o motivos da família se associa ao trabalho e renda, no sentido de que o pai, o chefe da família, procura fonte de renda para si e para garantir que os outros membros também possam gerar renda.

A parentela se faz presente como o principal motivo para a vinda destas famílias para o Piauí. Geralmente, um parente de segundo grau que veio na frente, consciente das condições desfavoráveis para o pai conseguir sustentar os filhos, avisa sobre terras boas para plantar cujos donos se dispusessem a negociações. Desse modo, o pai de Manoel veio para o Piauí: “tinha um conhecido dele lá, um primo dele, que morava aqui no Piauí, dois primos dele. Ai, ele veio passear aqui e quando chegou aqui achou bom, ai chegou lá disse: ‘Nós vamos pra lá Maria’”. O pai de Manoel teve a oportunidade de visitar as novas terras onde futuramente iria morar; ao passo que a família de Cristina veio em virtude das histórias; a memória de infância é nublada, mas ela recobra da vontade do pai de “vir pro interior”, pois tinha “terras pra trabalhar”.

É por meio dessas histórias que se criam ideias-imagens não apenas das terras boas e férteis do Piauí, mas também sobre outros horizontes que se avolumavam naquele momento para o sertanejo como lugares possíveis de transformação de vida, caso de São Paulo e Rio de Janeiro. O Rio de Janeiro era o destino certo e ao mesmo tempo fantasioso do jovem Manoel para tentar fugir daquela situação de miséria do qual era forçado a viver em São Benedito, do muito pouco que tem ainda tendo que pagar renda; Damião que veio em 42 ressalta uma diferença de destinos:

*Nesse tempo o povo ia tudo era pra São Paulo pra trabalhar lá...os meus primos foram tudim, os que eram rapaz... os irmão do papai, os irmão da mamãe, e os mais foram pra São Paulo, Rio de Janeiro(DAMIÃO,2016)*

Quando indagado a respeito da Amazônia como possível destino, ele diz “ninguém falava em ir pra Amazônia não que era só mato” .

Interessante pensar a respeito da congruência dos fatos com a migração de Damião e dos outros imigrantes na década de 40. Durante a Era Vargas, considerava-se que o trabalhador rural não poderia se encaixar nos mesmos moldes do trabalhador urbano, pois, de acordo com SECRETO (2007,p.14) “essa impossibilidade esteve marcada por implicações políticas, o que significaria abrir uma dupla frente: organizar o trabalho fabril e libertar o trabalhador rural do ‘plantacionismo’”<sup>5</sup>.

Para libertá-lo entrou em ação o bandeirantismo, que retomou seu fôlego dos séculos XVII e XVIII corporificando-se na ideia da “marcha para o Oeste”, onde o trabalhador rural teria a missão de incorporar “espaços vazios”. A marcha instigava ao sentido litoral- sertão, mas muitas pessoas migravam rumo às cidades do litoral, em busca das melhorias de vida tais como ensino gratuito, assistência familiar e segurança. Entretanto, o caráter do projeto original de “conquistar a fronteira” adquire novos matizes a partir dos acordos de Washington selados em 1942 entre Brasil e Estados Unidos, pondo fim à neutralidade do Brasil na Segunda Guerra Mundial e aumentando a demanda pelo extrativismo. Dessa forma

O programa original de “sedentarização” dos habitantes da região amazônica deu lugar ao já conhecido modelo de exploração extrativa tradicional e ao ‘nomadismo’. Apesar disso, quando do recrutamento dos soldados para a Amazônia, se criou a ilusão de que se tratava de um programa geral de colonização de um território ‘vazio’ com garantias e proteção do Estado e não de providenciar mão-de-obra barata para a elite agrária amazônica. (SECRETO,2007:20)

O discurso estadonovista utilizou-se de ideias –imagens já presentes no imaginário popular como o desbravamento, do direito à terra, de domar a “natureza selvagem”, processo inicial que o homem do campo deve fazer para preparar o espaço para a agricultura. Mas o que ficou na memória de Damião foi “o mato”. O mato, e todo o sortilégio de perigos que pode trazer: “mata mesmo, onça, lobo-guará, bicho feroz”. Perigos que o pai não estava disposto a enfrentar, além de deixar a parentela sozinha. A necessidade de melhoria de vida não suplantou a vontade de continuar vivendo de roça, em outro lugar, onde a seca não havia atingido com o mesmo ímpeto que nas cidades cearenses.

---

<sup>5</sup> A política desenvolvimentista do governo Vargas reacendeu a necessidade de ampliação do mercado interno, devido ao sucesso do modelo econômico de substituição de importações. Além do objetivos de incorporar “espaços vazios” do país “para o sucesso deste plano seria necessária intervenção do Estado m matéria de infraestrutura viária e mercado de trabalho. “(SECRETO,2007p.13)

A própria fronteira para Damião não era efetivamente a Amazônia e seus seringais, mas delineava-se também como uma zona de perigo: o “Mearim”, ou Médio-Mearim no Maranhão, que naquele momento até por volta da década de 1970 constituiu num pólo de atração de milhares de camponeses vindos de outros Estados do Nordeste em busca de um suposto “eldorado maranhense”<sup>6</sup>. Mas para Damião a ideia-imagem de um sertão bravio sobressai-se “é isolado pra lá...falavam do Mearim, mas...tomavam terra, sempre cercava lá um lote de terra de arame, e devastava, entremeava forragem de capim pra criar gado”.

A campanha do Estado foi forte, porém não-mobilizadora para algumas famílias, talvez por que o destino pra a Amazônia não estava no quadro de possibilidades destes grupos estudados. A desagregação da família em virtude de uma empreitada tão aventureira não se encaixava no horizonte de expectativas de alguns cearenses, mesmo o “Sul Maravilha” assume lugares-chave na memória, e o Piauí assume mais uma vez o papel de refrigério não somente em períodos de secas mais agudas.

A proximidade dos municípios escolhidos com o Rio Parnaíba ressalta as potencialidades naturais dos municípios de Miguel Alves, União, José de Freitas, e Teresina. Terras férteis, “uberosíssimas” expressão encontrada nos relatórios Relatórios Governamentais da década de 40, que informam que as melhores terras eram destinadas às cooperativas<sup>7</sup> produtoras dos gêneros que seriam exportados para outras regiões do país e para o estrangeiro.

A implantação de colônias agrícolas não apenas no Piauí mas em diversos pontos estratégicos do país orquestravam-se no sentido de fixar o homem no campo de um maneira racional, sob controle constante que não condizia ainda com uma reforma agrária. Daí a ênfase em relatórios e mensagens governamentais da década de 40 em mostrar os resultados satisfatórios de tais colônias, e em contrapartida, entregar à revelia aqueles que ainda permaneciam de fora, “à margem da margem”, posto que continuavam, praticando agricultura

<sup>6</sup> De acordo com Márcia Milena Galdez Ferreira, a ideia mítica do eldorado é construída através de elementos diversos presentes na vida do sertanejo, como água abundante, fartura de terra e boas colheitas, mas sinaliza que “a conquista de um propalado eldorado é realizada por uma minoria que logra, a partir de estratégias políticas e/ou do trabalho árduo, desfrutar das benesses da natureza e das possibilidades de lucro que a economia local propicia durante um período de média duração” (FERREIRA,2015:20)

<sup>7</sup> As cooperativas se iniciaram no ano de 1937 apenas em 3 municípios piauienses com 23 campos e em 1939 já constavam 127 campos em 13 municípios. Os produtos exportados eram de origem extrativista, tais como a cera da carnaúba e o babaçu, cultivados (arroz, milho e mandioca), e de origem animal (couro e peles), além do estímulo à fruticultura, principalmente plantações de *citrus*. FONTE: Piauí.Interventor, 1940, Leônidas de Castro Melo.Relatório apresentado ao Exmo Snr. Presidente da República pelo Interventor Leônidas de Castro Melo em 1940. Teresina: Imprensa Oficial, 1940.

itinerante e em seminomadismo. É devido a esses rótulos que conseguimos captar algo que se aproxima das características de nossos sujeitos, conforme:

*Prosseguiu o Governo, no correr de 1937, nos trabalhos de incentivo à produção agrícola, por melhorá-la em qualidade e quantidade. Paria isso, além de ampliar a área dos campos de demonstração e sementes, de alguns municípios, resolveu, mediante administração direta, ou em cooperação com particulares e com a União, preparar novos campos de cultura, nas mesmas ou noutras localidades, afim de patentear, pelo exemplo, na melhor e mais convincente das comprovações, as vantagens dos métodos racionais sobre os rotineiros, tanto em relação ao rendimento da terra, por unidade de superfície, quanto de referencia ao valor do produto obtido. Certo, não poderia obter, como não se deverá esperar, no curso de rápidos dias, a transformação radical que, é de desejar se opere nas nossas atividades agrárias. Não seria possível anular ou substituir, de súbito, velhíssima convicção que se há transmitido, através de gerações sucessivas, aos nossos lavradores. Para alcançá-lo, faz se indispensável, sobretudo, persistência. As ideias errôneas irão, aos poucos, cedendo à evidência dos benefícios colhidos com a adoção, continuada, dos processos de cultura intensiva.(idem.pg. 67)*

O que se chama de “velhíssima convicção” não se distancia muito da decantada preguiça que desenhou a caricatura do agricultor piauiense, mais um “jeca” dentre tantos surgidos no seio do discurso desenvolvimentista .

Dificuldades nesta passagem da lembrança que envolvem a partida encontramos na fala de Cristina Frota, 76 anos, que veio do Ceará com cerca de 9 a 10 anos<sup>8</sup>, e que delega esse esquecimento aos pais (“nesse tempo, os pai da gente era umas coisa réa tola, não era como hoje, que nasceu já tá sabendo do mundo. Aí ele não me disse o nome do interior”), e a ela mesma (“Eu era, eu era tolinha réi”). O fato de não lembrar o nome do lugar de origem também revela o não-exercício dessas lembranças, não obstante Cristina já teria uma idade considerável para formular reminiscências palpáveis, como no caso de outros entrevistados. A desinformação a incomoda; é visível no sacudir frenético das pernas e no olhar apressado para outro foco que não para mim e para o gravador; a expressão “eu era besta” aparece não só para justificar o porque de não saber o lugar de onde veio, mas várias agruras que ela teria pela frente. Por esforço de memória ela lembra apenas o município, Sobral, mas lembra de

---

<sup>8</sup> Para demonstrar de forma mais clara a idade que viera do Ceará, Cristina estende a mão e mostra o tamanho que era na época “desse tamanho assim”, Isídio Farias também se utiliza do mesmo gesto, o que para eles é mais eficiente do que deduzir suas respectivas idades quando migraram.

demarcar bem uma fronteira que está presente em praticamente todas as entrevistas: “É... um interior do Ceará, num tem? Um interiorim viu? Porque tem a cidade e tem os interior da pessoa morar”.(CRISTINA, 2017).

Mas o fato de se considerar tola o bastante para não se lembrar de onde veio esconde outros ressentimentos imbrincados que se revelam quando Cristina rememora hoje. A maneira como relembramos hoje não é a mesma de 10 anos atrás (THOMPSON, 1997). Naquele tempo, o esquecimento, que é o movimento natural da memória, lhe pareceu digno de uma punição. Ela se considerou “besta” em relação ao “hoje”. E o que há no presente de Cristina que lhe permite tornar estas significações mais intensas e marcantes do que datas e nomes de lugares? Atualmente ela tem seu próprio terreno, onde reside praticamente só; parentes vão visitá-la. Ela conquistou algo que lhe foi muito caro, e levou quase toda a vida; a forma de viver e o trabalho que herdou dos pais “Viviam sofrendo, trabalhando e passando mal porque tem os inverno pouco viu?”

Uma reflexão pertinente é proposta por Jacy Alves Seixas(2003) ao problematizar o sujeito “jecamacunáimico”, onde o esquecimento, antes exercício natural da memória, revela também seus significados imbricados. Este “esquecimento exercitado” em relação ao homem do campo esconde um universo de apadrinhamentos e trocas de favores, que tornam a figura do brasileiro caricata neste misto de passivo, dócil, indolente, sem perspectiva e sem vontade de projetar um futuro.

Mas quando esta percepção parte do próprio sujeito, mostra o seu conhecimento e amadurecimento diante desta rede de negociações que envolvem proprietários de terras e agricultores, onde mesmo dentro de uma perspectiva aparentemente desigual há uma série de regras implícitas que não podem ser quebradas. Deste conjunto de ideias Cristina toma conhecimento já mais tarde.

Nascer no Ceará não é um carma para nenhum narrador; ao contrário, eles tem orgulho de serem cearenses, de terem saídos do interior daqueles municípios pacatos; o que os entristecia era a pobreza, o cativoiro daquelas relações de dependência, e mais, o fato de não terem conseguido suportar se colocando como opção de vida a migração. A condição necessária para a sobrevivência estava em grande parte na mão “dos homem”:

*Eu não vou negar o que eu passei não. Porque graças a Deus eu tive necessidade enquanto eu não saí de lá do Ceará. Eu não tô falando da minha terra não porque é muito bom o Ceará, não tô falando de lá não, tô falando é nos homem que não tinha condição, não tinha capacidade de dar de comer uma pessoa e botava os trabalhador e deixava eles passar fome.(...)(MANOEL, 2017)*

Podemos falar em uma ressignificação desse “ser jeca”? Talvez, posto que a ingenuidade é algo atestado pelos narradores em seu início de trajetória, que confluíu com as migrações, como algo ruim. Mas também como colocar nas palavras de Manoel, é algo que não se pode negar. Enquanto que as fontes oficiais revelavam uma imagem de atraso, algo que deveria ser retirado grente ao novo modelo econômico, para eles ser “jeca” era um momento de descoberta; da intricada rede de negociações entre proprietários e empregados, cuja complexidade compreendem a medida que iam amadurecendo, compondo junto de seus pais a unidade familiar produtiva.

#### **Fontes:**

-CRISTINA Frota, Entrevista concedida a Lia Monnielli Feitosa Costa em 22.01.2017, na cidade de Miguel Alves-PI.

- FRANCISCO Manoel de Assis. Entrevista concedida a Lia Monnielli Feitosa Costa em 04.03.2017, na cidade de Teresina-PI.

-ISÍDIO Pereira Farias. Entrevista concedida a Lia Monnielli Feitosa Costa em 27.11.2016, na cidade de Teresina-PI.

-PAULO Furtado de Melo, Entrevista concedida a Lia Monnielli Feitosa Costa em 22.01.2017, na cidade de Miguel Alves-PI.

-DAMIÃO Feitosa da Silva, Entrevista concedida a Lia Monnielli Feitosa Costa em 14.08.16, na cidade de Teresina,PI.

-Relatório apresentado ao Exmo Snr. Presidente da República pelo Interventor Leônidas de Castro Melo em 1940. Teresina: Imprensa Oficial, 1940.

- IBGE, Mapa de Biomas e Vegetação, 2004. Disponível em :  
<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/21052004biomashtml.shtm>

#### **Referências:**

AB’SABER, Aziz Nacib. **Dossiê Nordeste Seco**. Estudos Avançados 13 (36), 1999 p:7-59.

ALBERTI, V., FERNANDES, TM., and FERREIRA, MM., orgs. **História oral: desafios para o século XXI** [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. 204p. ISBN 85-85676-84-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

BACELLAR, Olavo Ivahoé de B.&. Lima, Gerson Portela. **Causas e tendências do processo migratório piauiense**. Teresina, Fundação CEPRO, 1990.

CÂNDIDO, Antônio. **Os Parceiros do Rio Bonito**- Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 4<sup>a</sup> edição. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977.

FERREIRA; FERRERAS; ROCHA. Márcia Milena Galdez, Norberto O., Cristiana Costa da. **Histórias Sociais do Trabalho: uso da terra, controle e resistência**. São Luís: Café & Lápis; Editora UEMA, 2015.

FERREIRA, Márcia Milena Galdez. **Coconstrução do Eldorado Maranhense: Experiência e narrativa de migrantes Nordestinos em municípios do Médio Mearim-MA. (1930-1970)**. Tese de Doutorado. Niterói- Rio de Janeiro, 2015.

GARCIA JR, Afrânio Raul. **Terra de trabalho: trabalho familiar de pequenos produtores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

MOTTA, Márcia. (org). **Dicionário da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

PORTELLI, Alessandro. **A Filosofia e os fatos**. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. Tempo. Rio de Janeiro, vol.1, n.2, 1996, p.59-72.

SECRETO, María Verónica. **Soldados da borracha: Trabalhadores entre o sertão e a Amazônia no governo Vargas**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.

SEIXAS, Jacy Alves. **Tênuas Fronteiras de Memórias e Esquecimentos: A imagem do brasileiro jecamacunaímico**. In: **Fronteiras paisagens, personagens, identidades**. Franca:UNESP; São Paulo: Olho d'Água, 2003.p161-183

THOMPSON, E.P. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Companhia das Letras. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

THOMSON, Alistair. **Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias**. In: Projeto História, São Paulo, abril de 1997.p51-71.